



A poesia do isolamento: pandemia e viagem espacial

Gabriel Cardozo de Lima²

Resumo: Este ensaio reflete sobre a categoria “isolamento” a partir de duas perspectivas: o relato das experiências de isolamento espacial feito por astronautas da Estação Espacial Internacional (NASA, 2020) e o imaginário da viagem espacial nas narrativas de ficção científica. Pretende-se produzir um olhar acerca das implicações culturais do isolamento social, considerando a emergência sanitária global da covid-19 como um evento de transformações do “normal”. Em caráter exploratório, as considerações apontam para a necessidade de *habitar* o espaço de isolamento enquanto um território localizado entre interno/externo, individualidade e socialidade, à margem do que consideramos familiar.

Palavras-Chave: Isolamento social. Ficção Científica. Cinema. Literatura.

The poetry of isolation: pandemic and space travel

Abstract: This essay seeks to relate the theme of isolation, from two perspectives: the account of the experiences of space isolation made by astronauts from the International Space Station (NASA, 2020) and the imagery of space travel in the scientific narrative. It is intended to produce a critical reflection on the cultural causes of social isolation, considering the global health emergency of covid-19 as an event of transformations from “normal”. In an exploratory way, the considerations point to the need to *inhabit* the space of isolation as a territory located between internal / external, individuality and sociality, outside of what we consider familiar.

Keywords: Social isolation. Science Fiction. Cinema. Literature.

¹ Este trabalho é marcado pelos diálogos mantidos nos últimos meses com Luiz Fernando Dias Duarte (PPGAS/MN), meu orientador e referência, além dos companheiros de viagem Julia Spinelli e Matheus Caruzo. Agradeço à comissão editorial da Revista Áskesis, pelo trabalho atento e competente na manutenção deste espaço de produção intelectual.

² Doutorando pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente desenvolve estudos sobre as relações entre imaginário e realidade, com ênfase no gênero da ficção científica. ORCID: 0000-0002-7055-9702. E-mail: gabrielcardozodl39@gmail.com.



1. Introdução

Pois aqui estou eu, sentado nesta lata.
Bem acima do mundo.
O planeta Terra é azul, e não há nada que eu possa fazer.
(David Bowie. Space Oddity, 1969).

Este ensaio busca analisar a categoria de *isolamento*. Desde o começo do ano de 2020, diversas regiões do planeta vêm experimentando profundas mudanças sociais decorrentes da pandemia de Covid-19. A doença, causada pelo novo corona vírus, tem efeitos imprevisíveis e muitas vezes fatais. Dentre as medidas preventivas está o que se denominou *isolamento social*, para controlar as curvas de contágio e permitir a descoberta de medicamentos e vacinas (OMS, 2020). O clima de incertezas levanta a pergunta de *como, quando e se* uma solução efetiva ocorrerá.

Além dos esforços técnicos, científicos e governamentais, a dimensão da situação pandêmica envolve toda a população: o isolamento social e o risco de contágio vêm impondo transformações nas formas de trabalho e sociabilidade, ressignificando o que experienciamos como “cotidiano”. Ir ao cinema, ao trabalho, pegar transportes públicos, frequentar festas, assistir aulas: interrompidas repentinamente, a ausência dessas atividades traz a necessidade de um maior tempo no ambiente doméstico.

Apesar dos meios de comunicação modernos, a necessidade de isolar os sujeitos permanece um desafio prático de implicações afetivas e existenciais. Em função disso, tem sido pertinente traçar algumas reflexões sobre o tema, o que será feito neste texto com dois tipos de discurso: 1) as diretrizes de astronautas sobre como sobreviver ao isolamento espacial e 2) narrativas de ficção científica sobre viagem espacial. A seu modo, cada uma dessas frentes nos possibilita enxergar o presente a partir de um ponto de vista especulativo, abordando o isolamento e a noção de espaço de formas diferentes.

Investir em interpretações da contemporaneidade pelo viés do imaginário significa reavaliar o ambiente social, que nos atravessa e nos é intrínseco, do ponto de vista das narrativas, símbolos e ficções. A estratégia de *estranhar* e questionar os valores hegemônicos consiste em imaginar os eventos em uma perspectiva outra – um outro lugar, um outro ambiente – traçando comparações e paralelos com o que nos é familiar. Este é o âmago do exercício antropológico de compreensão da cultura, desenvolvido a seguir.

2. Os percursos da viagem espacial: história e ficção

As viagens espaciais inserem-se no âmbito das mais diversas culturas e contextos sociais ao longo da história. De diferentes modos, a depender da cultura e do tempo de que falamos, representam uma expansão dimensional, tanto física quanto mental: cada avanço para além das fronteiras conhecidas



é a entrada em um espaço desconhecido. Em breve história da conquista espacial, Aydano Carleial (1999) aponta que a contemplação pré-histórica do céu estrelado é o caminho mais comum das análises: as indagações sobre a “abóbada celeste” cruzam os séculos até a Modernidade, quando a entrada no espaço externo se torna possível a partir da Revolução Industrial e da consolidação dos saberes científicos. Já no século XVIII, a revolução da física Newtoniana permite as primeiras simulações de dinâmica de vôo, posteriormente realizadas em 1957, através das contribuições de Einstein e da engenharia espacial do pós-guerra.

Nos séculos entre simulação e realização, a conquista do espaço externo foi – e permanece sendo – matéria de interesse da ficção. Na ficção científica, as primeiras histórias datam de 1638 (SFE, 2018), marcadas pela contribuição visionária de Júlio Verne, no fim do século XVIII, com a publicação do romance “Da Terra à Lua” (1869). No cinema, os longas metragens sobre o tema começam a ganhar destaque a partir da segunda metade do século 20, investindo em efeitos especiais para criação de imagens fantásticas. Em ambos os casos, a viagem espacial se conformou como um subgênero influente da ficção científica, se não um dos mais consumidos e expandidos: de Star Trek – Jornada nas Estrelas (Gene Roddenberry, EUA, 1966) à Interestelar (Christopher Nolan, EUA, 2014), a habitação de naves espaciais ultramodernas e o cotidiano de astronautas apresenta-nos extrapolações das teorias científicas.

Na literatura e no cinema, o isolamento espacial mostra-se a partir dos enquadres da poesia e do simbólico. Como aponta o historiador e escritor Adam Roberts (2018), a ficção científica é tanto um tipo específico de narrativa quanto um conceito: ela articula e opera questões gerais da existência humana, geralmente relacionadas aos impactos sociais da tecnologia, a partir de diversas metáforas e elementos figurativos.

Na ficção científica experimentamos a dimensão imaginativa da vida, tendo um vislumbre do que é contrafactual, isto é, das alternativas ao que se vivencia na realidade factual e histórica. A relação entre realidade e ficção é dialógica, sobretudo no caso da ficção científica, que opera com imaginário da ciência: como uma moldura interpretativa, as narrativas ficcionais transformam experiências reais em poesia, dotando-as de significados. Esses significados, produzidos a partir da linguagem artística, são formas de interpretar o que não conseguimos compreender através do discurso racional. As leituras que a ficção científica faz da realidade formam imaginários, capazes de nos oferecer um olhar transformador.

No caso da viagem espacial, o fascínio com a exploração do espaço externo aproxima a ficção científica dos relatos e diretrizes de astronautas. Diversos filmes e romances tematizam enredos baseados em agências espaciais e tecnologias em curso. Em alguns casos, o intercâmbio entre realidade e ficção constitui uma troca concreta, como nos recentes trajés espaciais



encomendados pela empresa SpaceX, projetados por Jose Fernandez, designer dos trajes de super-heróis hollywoodianos (GARCIA, 2020). É também o caso da primeira representação 3d de um buraco negro, realizada no filme *Interestelar* (Christopher Nolan, EUA, 2014), com consultoria do físico Kip Thorne (MARTIN, 2020). Esses exemplos demonstram como as conexões entre realidade e ficção são tênues e entremeadas, sobretudo quando o assunto é *espaço*.

3. Conectar: as diretrizes dos astronautas

O isolamento da viagem espacial, seja na ficção ou nos relatos dos astronautas, é correlato ao isolamento social, em seu caráter estranho ou anormal. Ambos os contextos, de diferentes modos, abordam uma situação incomum para a maioria das pessoas. Essa relação foi interesse de alguns veículos científicos e jornalísticos durante os primeiros meses de 2020. Em uma matéria vinculada no website oficial da NASA (EUA), há esta indagação: “*o que podemos aprender com as experiências dos astronautas da NASA?*” (NASA, 2020, tradução nossa). Publicado no mês de julho, o texto começa comparando isolamento da pandemia global ao isolamento experienciado pelos astronautas da Estação Espacial Internacional (*International Space Station*).

O cientista Tom Williams apresenta a sigla “*C-O-N-N-E-C-T*” para indicar quais os fatores chave da “boa psicologia” dos astronautas: 1) comunidade (*Community*): considerar o impacto social da atividade de isolamento, tanto à nível nacional quanto global, alimentando o senso de pertencimento ao “todo” da espécie humana. 2) Abertura (*Openess*): estar disposto a partilhar as sensações e limitações do processo. 3) Rede (*Network*): manter comunicações com a família e amigos 4) Necessidades (*Needs*): comer, se exercitar e manter o controle das emoções 5) Habilidades da expedição (*Expeditions habilites*): desenvolver boa convivência e cooperação com outros membros da tripulação. 6) Contramedidas (*Countermeasures*): desenvolver soluções para solucionar problemas 7) Treinamento e preparo (*Training*): o período de isolamento depende da capacidade de treinamento para lidar com situações de extremo estresse, comuns da vida no espaço (NASA, 2020).

Cada um desses pontos abordados busca a obtenção de uma experiência mais humanizada e otimizada do isolamento, tendo em vista a privação da sociabilidade e do contato com o meio ambiente contraria as bases da vida humana. Uma das diretrizes da estratégia “*CONNECT*” fala em senso de pertencimento e contribuição para o todo da espécie. Tanto para os astronautas quanto para nós, sujeitos no centro da situação pandêmica, faz sentido pensar que parte das dificuldades do isolamento é em função da coletividade.

Quando aplicadas ao espaço doméstico, as indicações de preparo, treino



e controle da rotina são valiosas do mesmo modo que o são para habitação das naves espaciais: para além da propaganda expansionista de uma das maiores agências espaciais do mundo, há uma poesia intrínseca à “connect”, oriunda da experiência de solidão espacial, que, podemos elucubrar, é herdeira da poesia dos naufragos e viajantes, dos aventureiros perdidos em ilhas desertas, isolados pela vastidão do oceano. Trata-se, em suma, de uma tentativa de resposta prática a uma prática que vai além da aplicação objetiva, que mexe com o sentimento, produzindo reações afetivas e levantando questões existenciais.

Em recente matéria publicada pela BBC, Tiffanie Wen volta a mencionar a questão abordada pela NASA, trazendo a fala da astronauta Kjell Lindgren, que é enfática ao dizer que a Estação Espacial deve ser mais que um espaço de trabalho – ela deve ser uma casa (WEN, 2020). No relato de Lindgren, as noções de interno e externo tornam-se borradas: o que se denomina “casa”, no interior da nave, se abre a um mundo de pensamentos, emoções e visões, conformando um modo de sobrevivência e habitação ao período de isolamento.

4. Aniara: o navio fantasma

No poema de ficção científica *Aniara* (1956), Harry Martinson compõe uma ode à viagem espacial. Em dezenove poemas, o autor compõe versos sobre tripulantes que estão indo à Marte. No futuro, a jornada fez-se necessária em detrimento das consequências de um grande conflito atômico entre superpotências mundiais – algo semelhante ao que o autor experiencia na Guerra Fria, período que viveu. *Aniara* se perde entre a frota de naves, equipadas de modo a reproduzir, em conforto e dimensão, a vida doméstica da Terra. Sem contato de rádio e satélites, a embarcação fica à deriva, indo em direção ao espaço profundo.

Em adaptação cinematográfica recente, produzida pelos cineastas Pella Kagerman e Hugo Lilja (2018), efeitos especiais e jogos de luzes são direcionados para reprodução imagética do trajeto eterno de *Aniara*, uma nave sem pouso, perdida na imensidão estelar. Tanto no poema quanto no filme, os dramas humanos ganham destaque dentro do invólucro metálico, enfatizando os efeitos da vida isolada e os contrastes entre a paisagem externa e interna. Entre memórias do passado e incertezas do futuro, os protagonistas relacionam-se com uma inteligência artificial chamada Mima, dividindo angústias e ansiedades. Em *Aniara*, a abundância material tornar-se sufocante: os tripulantes, envoltos em produtos, serviços, academias, salas de cinema e itens de consumo experimentam a inutilidade da estrutura opulenta que lhes é oferecida, rumando ao nada.

Pode-se compreender *Aniara* como uma ficção científica pessimista, que nos provoca a respeito de questões existenciais e compõe uma discussão



crítica da vida moderna, sua relação com consumo, tecnologia e solidão. No poema, o espaço externo é um éter, imagem do vazio absoluto. Quanto mais fundo é o mergulho ao espaço profundo, mais o interior da nave, abarrotado de apetrechos, ferramentas e bens, torna-se vazio - à medida do distanciamento é a perda dos elementos da antiga vida da Terra. Mesmo com sua riqueza material, a tripulação está a bordo de um navio fantasma, rumo a lugar nenhum.

5. Uma questão de espaço

A exterioridade, evocada pelos astronautas da NASA e pelas narrativas ficcionais, apresenta um paradoxo: como pensar o isolamento a partir da tensão entre espaços - interno e externo? A despeito do que valoriza o individualismo, ideologia central da sociedade Ocidental moderna, essas dimensões entrecruzam-se: como apontam os estudos clássicos do antropólogo Louis Dumont (1987), a separação entre os sujeitos, e entre o sujeito e o mundo, compõe uma particularidade da sociedade ocidental, na qual a parte é independente, isolada, e cada ser é um átomo.

A pessoa moderna contém em si um espaço interno, o “eu” que a separa do outro: consolidada pela cultura e concretizada pelo Direito, a igualdade e a singularidade são condição *sine qua non* de um mundo dividido. A cisão ideológica dos indivíduos e a interioridade do “eu” são porosas, sobretudo frente a necessidade da coletividade, quando a ausência do toque, do movimento e do encontro é sentida como uma perda.

No âmbito dos estudos antropológicos da cultura ocidental moderna, o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte (2004) produz uma extensa discussão sobre individualismo, universalismo e seus contrapontos. Buscando tecer comparações a partir de derivações ideológicas do século 19, o viés histórico do autor foca tanto nos fenômenos da cultura – concebida, instrumentalmente, como um universo de significados compartilhados entre um determinado grupo (2014, p.4) – quanto da disciplina que a ela se dedica, a Antropologia. Duarte reconstrói a história recente da Modernidade como um grande drama, baseado em dois atos centrais – o Universalismo Racionalista, herdeiro dos ideais Iluministas, e o Romantismo. Para definir o Universalismo, o autor retorna na formação dos Estado-nação Europeus, ao fim do século XVIII, dialogando com a obra de Louis Dumont (1987).

No contexto de transformações sociais após a queda das grandes monarquias absolutistas, a ideologia individualista surge como elemento constituinte do cidadão, ser dotado de liberdades, direitos e salvaguardado pelo Estado. Em diálogo com esta surge o Universalismo, de caráter cosmológico. A partir dele, uma nova concepção de mundo vigora, nomeado Universo:

Trata-se sobretudo da representação, nova por excelência, de um mundo sem limites, nem temporais nem espaciais. Um infinito



– em todas as direções e sentidos. Esse mundo se oferece à experiência humana de modo também ilimitado, graças à crença na capacidade da razão em dialogar permanentemente com a empiria por intermédio da experiência sensorial e sentimental humana e assim fazer avançar o controle cognitivo e técnico do mundo disponível para nossa espécie (DUARTE, 2004, p.6).

Junto dos movimentos fiscalistas, essa nova orientação cosmológica inventa a noção de dimensão da cultura ocidental moderna. Em um jogo de luzes e sombras, as raízes da contemporaneidade são vinculadas à consolidação do capitalismo, à expansão colonial e ao elogio do progresso. Como reação ao mundo universalista, o Romantismo, sobretudo o Romantismo Alemão do século XVIII, constrói uma reação sentimental de tensão permanente às luzes.

No que tange ao espaço, o romantismo recusa a separação individualista entre os seres, investindo na ideia de totalidade e de fluxo, de modo a conceber uma cosmovisão holista, isto é, integrada – o mundo, visto como uma “unidade primordial”, é cheio de movimentos de vida, atravessado e marcado pelos organismos que são eles mesmos “totalidades em si” (DUARTE, 2004, p.9).

Enquanto modelos retóricos, “tipos ideais”, de certa forma, esses dois movimentos históricos estão em confronto no presente, pois a tensão entre eles produz o desencaixe e do desfazimento da vida comum, como ocorre no “novo normal” da situação pandêmica. Esta é, inicialmente, uma crise espacial, um problema de dimensionalidades: à nível prático, ações individuais são ineficazes, uma vez que questões referentes à pandemia tocam o âmbito da Saúde Pública e exigem táticas coletivas (como testagem em massa, fechamento econômico e restrições de mobilidade), por outro lado, à luz das diferenças econômicas e sociais, o sofrimento é pessoal e situado, tem gênero, raça e classe, impossibilitando uma visão totalmente coletiva.

Como menciona a astronauta Lindgren, o isolamento só é suportável quando vivenciado em “*big picture*” (WEN, 2020), como uma ação para o todo. Todavia, esse todo, como argumenta Mike Davis (2020), é feito de camadas heteróclitas e desiguais, nas quais alguns isolamentos são mais restritos que outros. Batendo à porta como um “monstro do capitalismo” (DAVIS, 2020), o problema imposto pelo Corona vírus atinge, de uma só vez, dois pilares findos do edifício ideológico Ocidental - individualismo e universalismo - pondo-os à risca frente as intempéries do estranho (novo) normal.

Enquanto modelos econômicos hegemônicos, como o neoliberalismo, apontam para centralização cada vez mais forte da autonomia dos sujeitos, responsáveis por si mesmos, eventos críticos criam uma bifurcação, um nó ideológico, experimentado como ruptura. As rupturas intensificam os sofrimentos, mas também promovem as mudanças, elas são horizontes de mudança, margens nas quais, a partir de um limiar, deslocamentos são produzidos.



6. O recurso da hibernação na ficção científica

Na ficção científica, a angústia da viagem espacial é focalizada na vida dentro da nave espacial, no cotidiano da vida à deriva. Fala-se a respeito da viagem em si, um deslocamento ao longo do espaço, geralmente da Terra a algum outro planeta ou galáxia. O entremeio da viagem espacial costuma ser contornado, com recursos narrativos e de roteiro, apresentando uma história na qual o percurso da viagem é suprimido. Pode-se considerar, por exemplo, a técnica de hibernação, utilizada pelos autores de ficção científica para fazer os personagens dormirem enquanto viajam, às vezes por centenas de anos, enquanto cumprem seu trajeto.

A recorrência da hibernação levanta o questionamento: por que nas narrativas sobre isolamento, busca-se um meio de não abordar o caminho percorrido na viagem espacial, a passagem do tempo e do cotidiano dentro do isolamento? É comum observar personagens imersos em câmaras de hibernação futurísticas, acordando, posteriormente, em seu novo mundo, no outro lado da viagem. Entretanto, como experienciado atualmente no contexto real da pandemia, a passagem do tempo não pode ser “adiantada”. Aniara vai direto ao ponto nesse sentido: nessa ficção, os dramas existenciais do isolamento abrem espaço para discutir outros isolamentos, convidando-nos a traçar paralelos com a vida comum.

Vê-se essa preocupação pelo entremeio no filme *Passageiros* (*Passengers*, Morten Tyldum, EUA, 2016). No longa, a nave da empresa Avalon realiza um percurso de 120 anos rumo ao planeta *Homestead II*, colônia da Terra. Todos os 5000 viajantes são colocados em hibernação, um estado de sono prolongado. Ao passar por um campo de asteroides, uma das cápsulas de hibernação se abre, despertando o engenheiro Jim Preston.

Atordoado pela solidão contínua, após muitos meses como único tripulante consciente da Avalon, Preston decide despertar a jovem escritora Aurora Lane, com quem vive um romance. Os desdobramentos da trama mostram como a saída da hibernação força o casal a vivenciar o cotidiano no isolamento da nave, que apesar de futurista, está distante da vida normal da Terra. Vivendo juntos um longo período de anos, ambos os personagens criam no interior da nave um mundo particular que lhes permite sobreviver.

Outro exemplo notável foi construído como a animação *Wall-e* (Disney, Studios Pixar, 2008), um retrato crítico das consequências negativas do distanciamento ocasionado pelo individualismo e pela sociedade de consumo. No longa, somos levados à uma Terra atolada de lixo tóxico que deixou de ser habitável para a humanidade. Os humanos deixam o planeta para viver em uma grande nave, vagando isolados pelo espaço. No cotidiano espacial, os personagens tornam-se preguiçosos, perdem a capacidade de andar e dedicam-se ao consumo excessivo de comidas e jogos, demonstrando as consequências negativas de viver isolado, sem o contato com o meio-ambiente.



Wall-e é um robô responsável por compactar e reciclar o lixo da Terra, conhecendo a robô Eva, por quem se apaixona. O aspecto de cinema mudo de Wall-e apresenta uma visão do futuro que pende entre a catástrofe e a esperança – na medida em que humanos tornam-se mais automatizados, perdendo o que os define enquanto seres sociais, o pequeno robô mostra-se, de muitos modos, humano, dotado de empatia. Apesar dos habitantes da nave não estarem em estado de hibernação, não habitam o mundo fora da Terra, apenas ocupam espaço, enquanto alternam entre a tecnologia com a solidão.

7. Ingold e a crítica ao espaço

No ensaio apresentado no 12º capítulo da coletânea “*Estar vivo*” (2015), o antropólogo Tim Ingold constrói uma crítica à noção de *espaço*. Considerando o termo destacado da realidade, o autor argumenta que organismos vivos – e essa categoria, ele afirma, inclui os humanos, a despeito de seus esforços de separação da natureza – habitam ambientes, não espaços. O espaço, em sua concepção, é representado como lugar vazio e fixo, uma categoria que anula o movimento, o *entre*: estar em algum lugar, no caminho, na floresta, dentro de casa, é sempre estar envolto de coisas – as paredes, o céu, o sol – e não apenas em espaço, pois “o espaço é nada, e porque é nada não pode absolutamente ser habitado” (INGOLD, 2015, p.215).

O autor prossegue argumentando a respeito da abstração e imprecisão da categoria de espaço, perguntando-se como nós, enquanto cultura, poderíamos ter desenvolvido tal categoria. Uma das explicações poderia ser a lógica da inversão, um recurso explicativo que se define por uma inversão que “transforma as vias ao longo das quais a vida é vivida em limites dentro dos quais está encerrada” (INGOLD, 2015, p.215).

Nesse sentido, Ingold está dizendo que os ambientes pelos quais nos movimentamos e nos situamos são parte de uma via de vida, não de um limite espacial. Localizar-se no espaço será ocupá-lo, mas indo contra a lógica da inversão, não se ocupa espaço, o ambiente só pode ser habitado. A tendência a encerrar localidades e os próprios sujeitos em um espaço contido em si mesmo é propriamente Moderna: na lógica do espaço, os lugares, conhecimentos e movimentos estão enclausurados em si, como os humanos de Wall-e.

Três categorias centrais são abordadas junto a crítica Ingoldiana à noção de espaço: *lugar, conhecimento e movimento*. A respeito do *lugar*, discute-se a noção de que lugares são localizados no ambiente, a partir do exemplo da sala de estar (*living room*)³: somente a partir da abstração pode-se olhar para

³ O exemplo da sala de estar é desdobrado com mais afinco em função de sua etimologia, do inglês “*living room*”: a sala, discutida a partir da fenomenologia de Heidegger, é mais que um lugar para pensar uma contraposição de espaço. Na *living room*, o “*living*” está ligado à vida como habitação do mundo: tal qual define Heidegger, o mundo não está construído, para ser ocupado, mas aberto a um processo de habitação, que é sua construção permanente e gradual.



um ambiente, como a sala de estar, vendo toda a estrutura da casa. Para os moradores comuns, Ingold argumenta, a casa é desvelada gradualmente, junto do processo de movimentação entre os cômodos, na realização de atividades – o movimento, dentro de casa, é ao longo dos lugares, não acima, não para fora.

O autor sinaliza que sua razão para divagar com o significado da sala é “resolver um problema peculiar” (2015, p.217), a respeito do surgimento do espaço. Enquanto em inglês a sala é a “*living room*”, em alemão a relação entre sala e vida produzem o *lebensraum*, um conceito correlato que diz respeito à abertura para o crescimento e o movimento (INGOLD, 2015, p.217). A sala entrecruza os problemas acerca da limitação da vida em um limite fechado.

O sentido de movimento é definido a partir da *peregrinação*. Esta é a perambulação entre lugares, acionada pelo autor enquanto conceito. A existência é *situante* e não *situada*: está sempre se atualizando em relação aos lugares. A retórica desse viés é de defesa do entre, do tráfego contínuo de lugares onde as pessoas vivem. A vida é um entrecruzamento de percursos, de peregrinações.

Pensemos o isolamento, da viagem espacial ou da passagem do tempo pandêmico: o trajeto – entre o antes e o “agora”, entre a Terra e outro planeta - não é feito de pontos fixos, mas de contínuos. Lugares possuem o mesmo estatuto dos sujeitos: são feitos de “linhas de peregrinação”: “Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas e seus residentes estão fortemente atados. Mas essas linhas não estão contidas dentro da casa (...) elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se à outras linhas em outros lugares (INGOLD, 2015, p.80).

7. Conclusão

A casa, no contexto pandêmico, é o palco no qual os dramas contemporâneos se desenrolam. Vista em analogia à nave espacial, ela se abre como um novo lugar de vida, atravessado por movimentos, rotinas e peregrinações. Ao mesmo tempo que estamos contidos na casa, ela não nos encerra. O isolamento configura-se como uma viagem, um período de passagem e movimento entre o antigo normal, do mundo de antes, e o novo - e estranho normal - do mundo de agora.

A lógica moderna que compreende o espaço como um limite abstrato é a mesma que anima a concepção de viagem da ficção científica, através do recurso da hibernação: não se pode “pular” o cotidiano da viagem, da mesma forma que não podemos pular a experiência pandêmica. O que é possível – e preciso – é a invenção de outra noção de espaço, mais alinhada ao que Ingold chama de habitação: habitar é o contrário de hibernar. É aprender a viver entre lugares – entre o normal e o anormal, entre o presente e o futuro, entre



o externo e o interno – e observar, no isolamento do presente, o movimento que nele persiste.

Referências bibliográficas

ANIARA. Direção: Pella Kagerman; Hugo Lilja. Sweden: Film Capital Stockholm, EUA, 2019. 106 min.

CARLEIAL, Aydano Barreto. Uma breve história da conquista espacial. **Parcerias Estratégicas**, v. 4, n. 7, p. 21-30, 2009.

DAVIS, Mike. **The monster enters: COVID-19, avian flu and the plagues of capitalism**. New York and London: OR Books, 2020.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 19, n. 55, p. 5-18, 2004.

DUMONT, Louis. **Ensaio sobre o individualismo: uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna**. Editora Rocco. 1987.

INGOLD, Tim. Contra o espaço: lugar, movimento e conhecimento. In: **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

ENCYCLOPEDIA OF SCIENCE FICTION. Space travel; Space chips. 2018. Disponível em: < <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/spaceships> >. Data de acesso: (07/11/2020).

MARTIN, Guy. **The man behind American's new spacesuit: How Elon Musk took Hollywood costume designer Jose Fernandez from Batman to NASA**. FORBES. 2020. Disponível em: < <https://www.forbes.com/sites/guymartin/2020/05/29/the-man-behind-americas-spiffy-new-spacesuit-how-hollywood-costume-designer-jose-fernandez-got-from-batman-and-daft-punk-to-nasa/#e984b3eebc1f> >. (Data de acesso: 18/11/2020).

GARCIA, Gabriel. **Equipe de efeitos visuais de “Interestelar” publica estudo sobre buracos negros**. EXAME: Ciência e tecnologia. 2015. Disponível em: < <https://exame.com/ciencia/equipe-de-efeitos-visuais-de-interestelar-publica-estudo-sobre-buracos-negros/> >. (Data de acesso: 18/11/2020).

MARTINSON, Harry. **Aniara**. Albert Bonniers Förlag, 2016.



NASA. What We **Can Learn From the Experiences of NASA Astronauts?**. Humans in Space. 2020. Disponível em: < <https://www.nasa.gov/feature/isolation-what-can-we-learn-from-the-experiences-of-nasa-astronauts>> (Data de acesso: 29/09/2020).

PASSAGEIROS. Direção: Morten Tyldum. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2016. 116 min.

ROBERTS, Adam. **Verdadeira História Da Ficção Científica**. Editora Seoman, 2018.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Estados Unidos: Walt Disney, Studio Pixar, 2007. 97 min.

WEN, T. **An astronaut's guide to surviving isolation**. Psychology, BBC, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20200408-an-astronauts-guide-to-surviving-isolation> (Acesso em 29/09/2020).

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Coronavirus disease (COVID-19)** advice for the public. 2020. Disponível em: < <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public> >. (Data de acesso: 23/10/2020).

Como citar este ensaio:

LIMA, Gabriel Cardozo de. A poesia do isolamento: pandemia e viagem espacial. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 10, n.1, p. 183-194, jan./jun. 2021.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.583>

Data de submissão do artigo: 08/10/2020

Data da decisão editorial: 14/12/2020